

Carta de Vladimir Herzog a Sérgio Muniz

Londres, 10 de novembro de 1966

Londres, 10-11-1966

Caro Sergio.

Como até agora não chegou resposta à carta que lhes enviei na volta do malfadado festival de Mannheim, atrevo-me a escrever estas linhas para pô-los a par das últimas novidades. A carta a que me refiro não é o cartão-postal que o Geraldo diz ter recebido, no qual eu apenas afirmava que *Viramundo* tinha entrado pelo cano por causa do atraso em que chegou, mas uma carta mais extensa em que contei em pormenores como foi a coisa lá e como afinal acabei conseguindo, a duras penas e em condições precárias, que pelo menos uma parte do público e a maioria das pessoas diretamente interessadas vissem a fita. Mas, em todo caso e apesar desse lado positivo, confesso que minha “viagem de representação” me encheu às baldas, primeiro porque – segundo vocês mesmo confirmaram – a mancada, mais uma vez, deveu-se ao irracional pão-durismo de Tio Farquinhas que, mais uma vez, acaba agindo contra seus próprios interesses. Pelo próprio bilhete anexo à última carta do Geraldo, pude imaginar a irritação plenamente justificada de vocês. Que fazer? Como diz o baiano, o jeito é ficar alimentando nas horas vagas os “impenitentes santarrões” que moram dentro da gente e rezar p’ra eles de vez em quando uma ladainha (ele deve ter experiência nessas coisas...). Bem, o que passou passou e vamos ver como é que as coisas irão daqui para a frente. Não sei se lhe disse na minha última carta que o Festival foi uma merda incrível. Parece que selecionaram os piores filmes do mundo. Só prestou o programa final (filmes convidados premiados em outros festivais em que originalmente estava incluído *Viramundo*) e cujo prêmio acabou sendo abiscoitado – a meu ver com inteira justiça – pelo inglês *The War Game*. A propósito desse filme e do seu diretor que tive o prazer de contatar em Mannheim falarei mais abaixo. Antes gostaria de fazer uma sugestão para que a triste história de *Viramundo* não se repita. Vejam se existe alguma possibilidade de *eu* entrar legalmente na posse de uma cópia. Com “legalmente” quero dizer munido de documentação que me permita circular livremente dentro e fora da Inglaterra com ela. Seria uma cópia destinada *somente* a festivais e requisições de apresentação na Europa. Com isso se evitaria corre-corres como o que aconteceu com a cópia que chegou a Mannheim via Canadá. Lembrem-se também que no princípio das tratativas com o organizador do Festival de Evian ele se queixou em carta dirigida a mim da ineficiência do detentor da cópia na França que, na época, creio que era o C. Antoine. Enfim, vocês é que devem decidir. Outra coisa: eu desta vez não cobrei nada ao Farkas das minhas despesas de viagem porque fui reembolsado em parte pelo Festival. Digo em parte porque me deram uma importância (250 marcos) que cobriu as despesas de viagem. Eu deveria ter recebido mais 50 marcos por tradução simultânea feita mas acabei não recebendo esse tutu porque, para recebê-lo, teria de ficar mais um dia catando moscas naquela cidade chata. Mas não importa, pois o tutu saído do meu bolso (hotel, refeições) até que não foi astronômico. O diabo é que, na volta a Londres, verifiquei que minha conta bancária andava à beira do penico vazio, de modo que

nos próximos meses precisamos apertar bastante o cinto para levar o barco adiante. Com isso não estou querendo chorar mágoas mas apenas explicar, com certa antecedência, que é possível que não possa ir a outros festivais onde o filme for exibido a menos que Tio Farquinhos me mande algum tutu adiantado. Naturalmente se acontecer que me reembolsem, como aconteceu em Mannheim, eu devolvo ou desconto só a diferença. Em todo caso não precisam tocar nesse assunto com ele já, mas só se a ocasião surgir para tanto. Entendido?

Se não me engano a estas alturas está sendo realizado o festival de Leipzig e não sei se o Geraldo acabou indo ou não. Na carta ele me dizia que só estava esperando passagem. Há tempos escrevi e continuo insistindo para que façamos o possível por encontrar-nos a fim de matar saudades e bater uns bons papos. O único problema é que, pelas razões expostas (pindura), sou obrigado a retirar minha “oferta” de ir eventualmente encontrá-lo no continente. Se ele quiser me ver terá de vir a Londres, onde minha casa estará à disposição. A viagem ida-e-volta Londres-Paris custa cerca de 10 libras (65 contos); vejam se podem levantar-lhe este tutu porque, por incrível que pareça, eu é que não poderia gastá-lo neste momento para ir até Paris ou alhures.

Bem, agora chega de chorar misérias (isto é em represália pelas misérias que vocês vivem chorando aí...) e vamos falar de coisas mais alegres. Para mim, pelo menos, aconteceu uma ontem. Consegui finalmente marcar um encontro e bater um papo com Peter Watkins, o genial diretor do genialíssimo *The War Game*. Creio já ter falado abundantemente sobre esta fita em cartas anteriores. É um documentário-ficção sobre como seria um ataque atômico contra a Inglaterra, partindo de premissas baseadas na conjuntura internacional atual. Se quiserem saber mais detalhes, perguntem ao Cacá Diegues, que esteve aqui há dias e também ficou embasbacado com o filme. Bem, como disse, bati um proveitoso papo com Watkins, rapaz de trinta anos, sujeito seríssimo que trabalha com métodos muito semelhantes aos nossos e com preocupações idem, embora evidentemente dentro do contexto da realidade inglesa. Sobre essa realidade Watkins tem posições lucidíssimas, maduríssimas e eu não hesitaria de chamá-lo, em certo sentido (para que compreendam o que quero dizer), de o “Francesco Rosi britânico”. Aliás isso eu disse a ele. Conversa vai conversa vem, ficou acertado o seguinte: a) Ele me deixará assistir à sua próxima produção de longa-metragem; b) eu vou com isso e outros materiais colher dados para um ensaio ou livro que pretendo publicar sobre a obra dele no Brasil; c) ele me fornecerá o roteiro de *The War Game*; assim que estiver em minhas mãos a cópia a copiarei e mando uma cópia a vocês. Depois dessa fita (produzida mas boicotada pela BBC) ele acaba de filmar um longa-metragem que, em resumo, é uma impiedosa desmistificação do *pop singer*. Pelo jeito a fita, intitulada *Privilégio*, dará panos para mangas. Falei também com ele sobre a possibilidade de arranjar uma cópia em 16 mm de *The War Game* para mandar a vocês, já que é 99,999 por cento certo que jamais será exibida aí comercialmente. O diabo é que o atual proprietário dos direitos da fita é o British Film Institute, por delegação da BBC. E o BFI está fazendo tudo para impedir sua exportação. Países e entidades estrangeiras interessadas sempre acabam se defrontando com o indefectível “não” do BFI acompanhado de desculpas aparentemente “fundamentadas”. Mas Watkins me disse que se eu conseguisse, por exemplo, uma carta da Cinemateca pedindo uma cópia e se o BFI recusasse atendê-la, então ele teria um pretexto para criar um esporro com os caras. Fale, portanto, com o Rudá ou P. Emílio e veja se me consegue a carta. Nela digam do interesse da Cinemateca de conseguir uma cópia em 16 mm de *The War Game*, acrescentando

que a mesma deve ser entregue em minhas mãos. E mandem a carta para mim para eu tratar pessoalmente do assunto. Verei então em que condições (se eles concordarem) posso obtê-la: empréstimo, compra ou troca. Se tiver de comprá-la (tem apenas cinquenta minutos de duração, branco e preto, tela normal) eu então lhes escreverei quanto é (não deve ser muito) e vocês depois verão se dá para fazermos todos juntos uma “vaquinha”. Porque insisto e juro: é uma fita importantíssima, fundamental, inclusive para nossa parte do mundo e para nossa *intelligentsia*. Velho, toca agora esse barco p’ra frente com vontade, que garanto não se arrependerá, tá? Outra coisa que acho fundamental (também creio ter aventado em cartas anteriores) é a de vocês convidarem o Watkins e as fitas dele caso fizerem outro festival no Brasil. É um sujeito com o qual poderão dialogar de igual para igual e com o qual ambos poderão aproveitar enormemente. Para seu caderninho de notas, o endereço dele é: 14 Durkham Terrace, London W. 2

Um abraço do Vlado

[Na margem esquerda:] O sujeito cujo cartão estou anexando fez uma porção de documentários no Brasil sobre índios, apresentados na televisão, da BBC. Tem escritório e laboratório em Londres e uma equipe deverá chegar aí creio que em janeiro para fazer outros filmes. Talvez seja interessante vocês contatá-lo [sic]. O câmara dele trabalha na BBC e se eu conseguir encontrá-lo darei o seu endereço a ele. Daí pode sair trabalho e naturalmente algum São Tutu.

Você recebeu uma carta da Lenina que mandei? Acabo de receber carta da Dolly dizendo que o ilustre marido dela estava tentando catar avião para ir visitá-los. Se não conseguiu para o fim de outubro (caso em que já estará aí) irá neste mês. De qualquer modo vem.